

Chamada de artigos para o dossiê temático

« Escravidões e restos humanos »

n° 14 da revista, novembro de 2026

Esclavages & Post~Esclavages / Slaveries & Post~Slaveries

Editores científicos

Magali Bessone, professora de filosofia política na universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne (ISJPS-PhiCo-NoSoPhi), membro do Instituto universitário de França (IUF)

Klara Boyer-Rossol, pesquisadora internacional no Bonn Center for Dependency and Slavery Studies (BCDSS) da universidade de Bonn

Ricardo Roque, professor e pesquisador no Instituto de ciências sociais (ICS) da Universidade de Lisboa

Prazo para a apresentação de resumos : 1º de junho de 2025

Data limite para a entrega dos artigos : 2 de novembro de 2025

Validação da versão final dos artigos : 1º de julho de 2026

Publicação do número : novembro de 2026

Argumento

Este número propõe refletir sobre a relação com os restos humanos nos contextos de escravidão e pós-escravidão, temática que propomos aproximar a partir de uma abordagem pluridisciplinar, fazendo dialogar a história, a antropologia, a filosofia, a arqueologia, a bio-arqueologia, ou ainda o direito.

Considerada na perspectiva da dignidade da pessoa, a questão do direito jurídico dos restos humanos (Fontanieu 2014) coloca desafios éticos e patrimoniais obviamente atuais. Em França, na esteira da lei adoptada de maneira definitiva a 26 de Dezembro de 2023, visando facilitar a restituição de restos humanos pertencendo às coleções públicas, um relatório foi submetido dia 8 de Janeiro de 2025 sobre os « restos humanos ultramarinos ». O direito à sepultamento, hoje largamente admitido e inscrito nas leis de diversas nações, não dizia respeito – ou somente de maneira marginal – aos/às escravizados/as. A questão do tratamento dado aos mortos « postos nas margens » foi em parte tratada pelos historiadores

e arqueólogos (Carol & Renaudet 2023). A filosofia também considerou esses mortos sem sepultura, de quem não se pode fazer o luto (Butler 2004).

Para muitos descendentes de escravizados/as africanos/as, em particular, o vínculo com restos ancestrais permanece complexo, em razão da ausência de sepulturas individuais ou de identificação de ascendentes inumados em locais funerários coletivos. A descoberta, a conservação, o estudo de cemitérios de escravizados/as e de restos humanos eventualmente desenterrados em escavações arqueológicas (na ilha Maurícia ou em Manhattan por exemplo), constituem assim fontes insubstituíveis para indagar as identidades e as vidas das pessoas em situação de escravidão e de pós-escravidão (Seetah *et al.* 2010 ; Blakey 2014). Será que a patrimonialização desses locais funerários da escravidão, ou ainda as possíveis restituições ou repatriamento de restos de pessoas escravizadas (nomeadamente da França para os territórios ultramarinos), possam ser consideradas como formas de reparação – existencial, social, política, epistémica? Será possível recriar dessa maneira uns laços entre os mortos e os vivos? E qual deve ser a natureza desses laços para que os mortos sejam tratados com respeito?

Alguns restos de pessoas escravizadas e de seus descendentes foram integrados em coleções e continuam conservados em museus através do mundo (Estados Unidos, Canadá, Brasil, Europa, África do Sul, etc.), expostos ou (cada vez mais hoje em dia) escondidos nas reservas. Ao longo do oitocentos abolicionista, no momento em que a etnografia ganhava destaque de ambos os lados do Atlântico, a medicina e a ciência das « raças » sistematizaram a exploração científica de cadáveres, crânios e ossos, nomeadamente de pessoas designadas « negras » e/ou « escravas » (Willoughby 2022).

Nesse contexto histórico, as coleções de crânios e outros restos humanos, assim como as coleções de moldagens de rostos, foram utilizados para teorizar o racismo científico (Mitchell & Michael 2019 ; Boyer-Rossol & Piccioni 2023). A etiqueta « escravos » dos crânios humanos integrados em coleção evidencia a perpetuação de um processo de desumanização (Roque 2023). No entanto, o abolicionismo e o antirracismo puderam igualmente acomodar-se e até favorecer uma aproximação « científica » da diversidade racial bem como do estudo dos restos humanos (Branson 2017). O acesso aos corpos subalternos e os tratamentos científicos

e museográficos de restos humanos racializados (dissecações, medidas, moldagens *post-mortem*, crânios expostos anonimizados, etc.) colocam o problema da perpetuação de relações de poder e de práticas de violência depois da morte biológica, mesmo no período pós-abolicionista.

Nos últimos vinte anos, a antropologia biológica e a museologia vieram a integrar normas éticas de trabalho e de conservação no que diz respeito aos restos humanos (Antoine 2014), o que fica evidenciado pela multiplicação de códigos de ética para o cuidado e o tratamento de restos humanos no seio das coleções dos museus; também consideraram os aspectos legais de reparação e de restituição.

Se a integração de restos humanos em coleções – incluindo os de pessoas escravizadas – tem levado a uma reificação das pessoas defuntas, será que a sua identificação e/ou « re-filhação » (histórica, biológica através dos testes de ADN, ou ainda simbólica com cerimónias funerárias) levaria a uma « re-humanização » desses restos ancestrais (Rassool 2015) ?

Será que a « morte social » do escravo (processo de perda de identidade social, de relações sociais e de desintegração progressiva do corpo) (Patterson 1982 ; Brown 2008 ; Kralova 2015) permanece depois da morte biológica? O que aconteceu aos corpos das mulheres e dos homens que foram julgadas/os durante a sua vida « indignas/os » ou marginalizadas/os no contexto de sociedades escravistas? Qual humanidade na morte para as pessoas escravizadas? Como garantir a integridade dos corpos defuntos em situação de escravidão? Por fim, como é que herdamos hoje desses mortos?

Acolheremos as propostas de especialistas em antropologia biológica e social, história, arqueologia, direito e museologia.

Eixos

As contribuições podem tratar nomeadamente dos temas seguintes:

- Quais são as fontes materiais e imateriais presentes nos cemitérios e nos túmulos sobre as identidades, as vidas e as mortes dos/as escravizados/as

- Ritos funerários, cultos religiosos, práticas espirituais e culturais relativos aos restos ancestrais (localizados ou ausentes)
- A exploração científica dos corpos mortos de pessoas com ascendência africana e servil: experimentações médicas e cirúrgicas, medidas e moldagens *post-mortem*
- Racismo científico, antirracismo e coleções de crânios e de ossos de indivíduos ditos « escravos » e « negros »
- Deportação, anonimização e objetivação de restos humanos integrados em coleções em contextos escravista e pós-abolicionista
- Restituição, repatriamento, re-inumação e/ou re-humanização de restos humanos cuja história está ligada à da escravidão e de suas abolições
- Patrimonialização e políticas de memória em torno de locais funerários da escravidão

Modalidades de submissão

As propostas de artigos (entre 500 e 800 palavras) devem ser enviadas até dia **1º de junho de 2025** para ciresc.redaction@cnrs.fr.

O parecer será emitido no **1º de julho de 2025**.

Os artigos aceitos (45 000 caracteres no máximo, incluindo os espaços, bibliografia incluída) devem ser submetidos em francês, inglês, espanhol ou português, imperativamente **antes de 2 de novembro de 2025**. Têm de ser acompanhados por um resumo de 3600 caracteres no máximo, espaços incluídos. A lista completa das recomendações aos/às autores/as encontra-se disponível [aqui](#).

As versões definitivas deverão estar prontas para o **1º de julho de 2026**.

Bibliografia seletiva

ANTOINE Daniel, 2014. « Curating Human Remains in Museum Collections: Broader Considerations and a British Museum Perspective », in Alexandra Fletcher, Daniel Antoine & John David Hill (orgs.), *Regarding the Dead: Human Remains in the British Museum*, Londres, British Museum, p. 3-9.

BLAKEY Michael L., 2014. « L'African Burial Ground de New York : d'un secret national à un monument national », in André Delpuech & Jean-Paul Jacob (orgs.), *Archéologie de l'esclavage colonial*, Paris, La Découverte, p. 317-345.

BLANCKAERT Claude, 2003. « Les conditions d'émergence de la science des races au début du XIX^e siècle », in Sarga Moussa (orgs.), *L'idée de « race » dans les sciences humaines et la littérature (XVIII^e et XIX^e siècles)*, Paris, L'Harmattan, p. 133-149.

BOYER-ROSSOL Klara & Lucia PICCIONI, 2023. « Introduction », in Klara Boyer-Rossol & Lucia Piccioni (orgs.), « Crânes, cerveaux et têtes moulées. Penser les collections scientifiques des empires (fin du XVIII^e-milieu XX^e siècle) », *Artefact*, n° 19, p. 9-23.

BRANSON Susan, 2017. « Phrenology and the Science of Race in Antebellum America », *Early American Studies*, n° 15/1, p. 164-193.

Brown Vincent, 2009. « Social Death and Political Life in the Study of Slavery », *American Historical Review*, n° 114/5, p. 1231-1249.

BUTLER Judith, 2004. *Precarious Life. The Powers of Mourning and Violence*, Londres/New York, Verso.

CAROL Anne & Isabelle RENAUDET (orgs.), 2023. *Des morts qui dérogent. À l'écart des normes funéraires, XIX^e-XX^e siècles*, Aix-en-Provence, Presses universitaires de Provence.

CLIPPELE Marie-Sophie de, 2023. *Restes humains et patrimoine culturel : de quels droits ?*, Limal, Anthemis.

FONTANIEU Guillaume, 2014. « La question juridique des restes humains sous l'angle de la dignité de la personne », *Les Annales de droit*, n° 8, p. 197-227.

KRÁLOVÁ Jana, 2015. « What Is Social Death? », *Contemporary Social Science*, n° 10/3, p. 235-248.

MICHEL Aurélia, 2020. *Un monde en nègre et blanc. Enquête historique sur l'ordre racial*, Paris, Le Seuil.

MITCHELL Paul Wolff & John S. MICHAEL, 2019. « Bias, Brains, and Skulls: Tracing the Legacy of Scientific Racism in the Nineteenth-Century Works of Samuel George Morton and Friedrich Tiedemann », in Jamie A. Thomas & Christina Jackson (orgs.), *Embodied Difference. Divergent Bodies in Public Discourse*, Lanham, Lexington Books, p. 77-98.

PATTERSON Orlando, 1982. *Slavery and Social Death. A Comparative Study*, Cambridge/Londres, Harvard University Press.

RASSOOL Ciraj, 2015. « Re-Storing the Skeletons of Empire: Return, Reburial and Rehumanisation in Southern Africa », *Journal of Southern African Studies*, n° 41/3, p. 653-670.

ROQUE Ricardo, 2023. « Enslaved Remains: The "Slave Boy" Inscription and the Histories of Racialized Collections », *Artefact*, n° 19, p. 147-175.

SEETAH Krish *et al.* , 2010. *Le Morne Cemetery: Archaeological Investigations. The 2010 Season: Excavation, Results and Interpretation*, The Truth and Justice Commission: Report Prepared on the Archaeological Excavations at le Morne Cemetery.

WILLOUGHBY Christopher, 2022. *Masters of Health. Racial Science and Slavery in U.S. Medical Schools*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press.